

Questão 06

6. O xeque-mate - do persa *shāh māt*: o rei está morto - ocupa uma função controversa nas leis do jogo de xadrez. Trata-se de uma expressão que designa o lance final - é quando um dos reis não tem mais qualquer possibilidade de movimento. De saída, e nisso consiste o primeiro traço de ambivalência da expressão, a rigor, o rei não morre. Pode-se dizer até que o rei agoniza - mas de seu destino quase nada sabemos. Em resumo, o xeque-mate é exatamente, negando o que enuncia a expressão, o lance anterior ao que podemos chamar de morte. Diferentemente do senso comum, que vê grandeza naquele que luta até o último instante - a saber, até a morte -, o jogador de xadrez deve ter a medida de seu esforço. Saber abandonar uma partida no momento certo, portanto, é uma demonstração de domínio da própria derrota. A morte, por jamais tornar-se concreta, fica sendo pura potência. Talvez seja este caráter inacabado - o jogo acaba sempre antes de acabar - que concede, afinal, ao jogo de xadrez, na forma de rito, a possibilidade de um eterno recomeçar.

(Adaptado de Victor da Rosa, "Xeque-mate". Disponível em <http://culturaebarbarie.org/sopro/verbetes/xequemate.html>. Acessado em 04/09/2018.)

- a) Victor da Rosa afirma que há uma ambivalência na expressão "xeque-mate". Explique-a.
- b) Explique, com dois argumentos, por que a posição do autor quanto à grandeza do jogo de xadrez contraria o senso comum.

RESPOSTA

a) A ambivalência explicitada por Victor da Rosa reside no fato de que, apesar de a expressão "xeque-mate" significar "O rei está morto", ele nunca morre, sendo a morte o passo seguinte, nunca dado.

b) O senso comum reconhece a grandeza nos combates que duram até o último instante, ou seja, a morte. Entretanto, no xadrez, saber abandonar a partida no momento certo, evitando dessa forma a morte é, segundo o autor, saber dominar a própria derrota. Assim, a morte inexistente, sendo, dentro do jogo, apenas uma possibilidade intangível, atribuindo-lhe um eterno recomeçar, uma vez que não se finda de fato.